Tabagismo entre acadêmicos da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre

Smoking habits among students of the Federal University of Health Sciences of Porto Alegre

FERNANDO PIVATTO JÚNIOR – Acadêmico de Medicina da UFCSPA.
DÁLMON BERNARDES GODOY – Acadêmico de Medicina da UFCSPA.
EVELISE PIETROBON – Acadêmica de Medicina da UFCSPA.
IVO ESTEVÃO LUFT NETO – Acadêmico de Medicina da UFCSPA.
MARCOS VINÍCIUS AMBROSINI MENDONÇA – Acadêmico de Medicina da UFCSPA.
PALOMA FORELL FAMER – Acadêmica de Medicina da UFCSPA.
PEDRO ANTÔNIO SARTINI DUTRA – Acadêmico de Medicina da UFCSPA.
WALDO LUÍS LEITE DIAS DE MATTOS – Pós-doutorado. Professor-Adjunto da UFCSPA.

Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

✉ Endereço para correspondência:
Fernando Pivatto Júnior
Av. Cel. Lucas de Oliveira, 2241/405
90460-001 – Porto Alegre, RS – Brasil
☎ (51) 3335-1886
💻 fpivatto@gmail.com

RESUMO

Introdução: Estudar a prevalência do tabagismo entre os acadêmicos dos cursos de Biomedicina, Fonoaudiologia, Medicina e Nutrição da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre. **Métodos:** Foi realizado estudo transversal para investigar o hábito tabágico entre estudantes universitários da área da saúde, com a utilização de um questionário autoaplicável. Fumantes foram definidos como aqueles que fumavam um ou mais cigarros por dia há pelo menos um mês. **Resultados:** Foram obtidas respostas de 533 acadêmicos (95,7% do total) e a prevalência geral foi de 4,9% (IC95% 3,06,8). Não houve diferença estatisticamente significativa entre os cursos. A média de cigarros fumados por dia foi de 3,8. Dezesseis por cento iniciaram o hábito durante o curso e 64% declararam ter vontade de parar de fumar. **Conclusão:** A prevalência geral do tabagismo foi de 4,9% e não se identificou diferença significativa entre os cursos.

UNITERMOS: Tabagismo, Prevalência, Estudantes de Ciências da Saúde.

ABSTRACT

Introduction: *To study the prevalence of smoking among students of biomedicine, speech therapy, medicine, and nutrition at the Federal University of Health Sciences of Porto Alegre.* ***Methods:*** *A transversal study was carried out to explore the smoking habits of undergraduates in health-related courses through a self-applied questionnaire. Smokers were defined as those who have smoked one or more cigarettes a day for at least one month.* ***Results:*** *533 students responded to the questionnaire (95.7% of the total) and the smoking prevalence was 4.9% (CI95% 3.06.8). There was no significant difference across the courses. The mean number of cigarettes smoked per day was 3.8. Sixteen per cent (18%) started smoking during the course, and 64% reported to be willing to quit smoking.* ***Conclusion:*** *The overall prevalence of smoking was 4.9%, and no significant difference was found between the courses.*

KEYWORDS: *Smoking, Prevalence, Students, Health Occupations.*

INTRODUÇÃO

A Organização Mundial de Saúde (OMS) afirma que o tabagismo deve ser considerado uma pandemia, já que atualmente morrem no mundo cinco milhões de pessoas por ano em consequência das doenças provocadas pelo tabaco, o que corresponde a aproximadamente seis mortes a cada segundo. No ano de 2025, estima-se que ocorrerão 10 milhões de mortes decorrentes do uso do tabaco, se não houver mudança nas prevalências atuais de tabagismo (1).

Atualmente, existem cerca de 1,3 bilhão de pessoas fumantes no mundo, sendo, aproximadamente, um bilhão do sexo masculino e o restante, em muito menor proporção, do sexo feminino. No Brasil, um terço da população adulta fuma, o que corresponde a cerca de 16,7 milhões de homens e 11,2 milhões de mulheres (1). Entre os jovens brasileiros, de 15 a 24 anos, pesquisa realizada pelo Ministério da Saúde entre 2002 e 2003 nas capitais brasileiras encontrou uma prevalência média do hábito tabágico de 12,8%, sendo a maior taxa encontrada em Porto Alegre, com 24,1% dos jovens entrevistados sendo tabagistas (2).

Os prejuízos causados à saúde pelo hábito de fumar são amplamente conhecidos. A OMS considera o controle do tabagismo como o maior desafio de Saúde Pública no mundo atual, o que deve colocar esse problema como uma prioridade para todos os setores que atuam nas áreas da saúde. Apesar disso, esse hábito persiste entre estudantes de Medicina, médicos e outros profissionais dessa área, ainda que com uma prevalência menor que a observada na população geral (3). Entre acadêmicos de Medicina, Menezes et al.

Recebido: 29/12/2008 – Aprovado: 15/2/2009

13-323-tabagismo_entre_acadêmicos.pmd 34 14/4/2009, 13:10

(4) encontraram em 2002 uma prevalência de tabagistas de 10,1% e de ex-tabagistas de 9,8%. Na classe médica brasileira, em 1996, 6,4% eram fumantes regulares e 34,3% ex-fumantes (5).

Dada a importância do tema, a formação nas áreas da saúde exige um enfoque especial para que os profissionais atuem como potencializadores das ações de promoção da saúde. Assim, torna-se relevante saber a proporção de estudantes que é fumante em cada curso e como essa evolui durante o cursar da faculdade. Esta pesquisa teve por objetivo descrever a prevalência do tabagismo entre os diferentes cursos da área da saúde da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, assim como analisar os fatores associados e observar se os cursos modificam esse hábito entre os estudantes.

MÉTODOS

Realizou-se um estudo transversal com os alunos do primeiro ao quarto ano da Medicina, primeiro ao terceiro ano da Biomedicina e Nutrição e primeiro ano da Fonoaudiologia no ano de 2007, com a utilização de um questionário confidencial, autoaplicável, distribuído nas salas de aula aos acadêmicos. Os alunos ausentes no momento da pesquisa foram posteriormente contatados.

O questionário era constituído em sua maioria por questões objetivas, sendo divido em três partes: um questionário geral, que deveria ser respondido por todos os alunos, e dois questionários específicos, um para ex-fumantes e o outro para fumantes. No questionário geral, após a identificação do aluno pelo curso, ano da faculdade, sexo e idade, havia questões sobre o hábito tabágico do aluno, de seus pais e irmãos, sobre a escolaridade de seus pais e sobre a sua renda familiar. Para os ex-fumantes, indagou-se sobre a idade de início e abandono do tabagismo, o número médio de cigarros fumados por dia, a temporalidade em relação ao início do curso e a influência do mesmo nessa decisão. Os fumantes responderam sobre a idade de início do hábito de fumar, o número médio de cigarros por dia, a temporalidade em relação ao início do curso, o desejo de parar de fumar e a existência prévia de tentativas para isso.

Os critérios utilizados para definir o hábito tabágico foram os seguintes: fumante – fuma um ou mais cigarros por dia, há pelo menos um mês (6); ex-fumante – no período da entrevista, não era fumante regular, mas o havia sido no passado; não-fumante – nunca fumou ou é fumante ocasional.

O intervalo de confiança de 95% foi calculado para as porcentagens quando se julgou adequado, sendo apresentado entre parênteses. A associação entre variáveis categóricas dicotômicas foi avaliada pelo teste do qui-quadrado ou pelo teste exato de Fisher quando indicado. Para as demais variáveis categóricas, foi utilizado o teste U de Wilcoxon-Mann-Witney. A comparação da média de uma variável contínua com distribuição simétrica entre dois grupos foi através do teste t de Student; para as com distribuição assimétrica, foi utilizado o teste U de Wilcoxon-Mann-Witney. O nível de significância adotado em todos os testes foi de 5%.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Fundação Faculdade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

RESULTADOS

Participaram da pesquisa 533 acadêmicos, o que correspondeu a 95,7% do total de alunos das turmas da Universidade. As características da amostra estão resumidas na Tabela 1. A prevalência geral de tabagismo encontrada foi de 4,9% (IC95% 3,0-6,8). Não se identificou associação da faculdade cursada com a prevalência de tabagismo (p=0,795). A Figura 1 mostra a prevalência de fumantes e ex-fumantes entre os diferentes cursos.

A Figura 2 mostra a prevalência de fumantes entre os anos dos respectivos cursos. Não se encontrou associação entre o ano cursado e a prevalência de tabagismo, assim como nenhuma das variações de prevalência foi estatisticamente significativa ao compararmos os diferentes anos da mesma faculdade.

Quanto às características dos acadêmicos tabagistas, observou-se que a idade média de início do tabagismo foi de 16,5±2,8 anos, a média de cigarros fumados por dia de 3,8 e que 84,6% (IC95% 70,4-98,8) iniciaram a fumar antes do início do seu curso. A Tabela 2 mostra as características dos tabagistas de forma categorizada. Em relação à vontade de parar de fumar, 64% (IC95% 44,8-83,2) declararam que gostariam de parar, sendo que 42,3% (IC95% 22,9-61,7) assinalaram já terem feito tentativas prévias. Nenhuma dessas características mostrou diferen-

TABELA 1 – Características da amostra quanto ao curso, sexo e idade

Curso	Anos	Total de n acadêmicos	% de questionários respondidos			Média de idade (anos)
			Total n (%)	Masculino n (%)	Feminino n (%)	
Fonoaudiologia	1º	36	36 (100)	0 (0)	36 (100)	20,5
Nutrição	1º ao 3º	71	64 (90,1)	2 (3,1)	61 (95,3)	20,8
Biomedicina	1º ao 3º	94	86 (91,5)	33 (38,4)	53 (61,6)	20,9
Medicina	1º ao 4º	356	347 (97,5)	166 (47,8)	179 (51,6)	21,8
Total		557	533 (95,7)	201 (37,7)	329 (61,7)	21,4

13-323-tabagismo_entre_acadêmicos.pmd 35 14/4/2009, 13:10

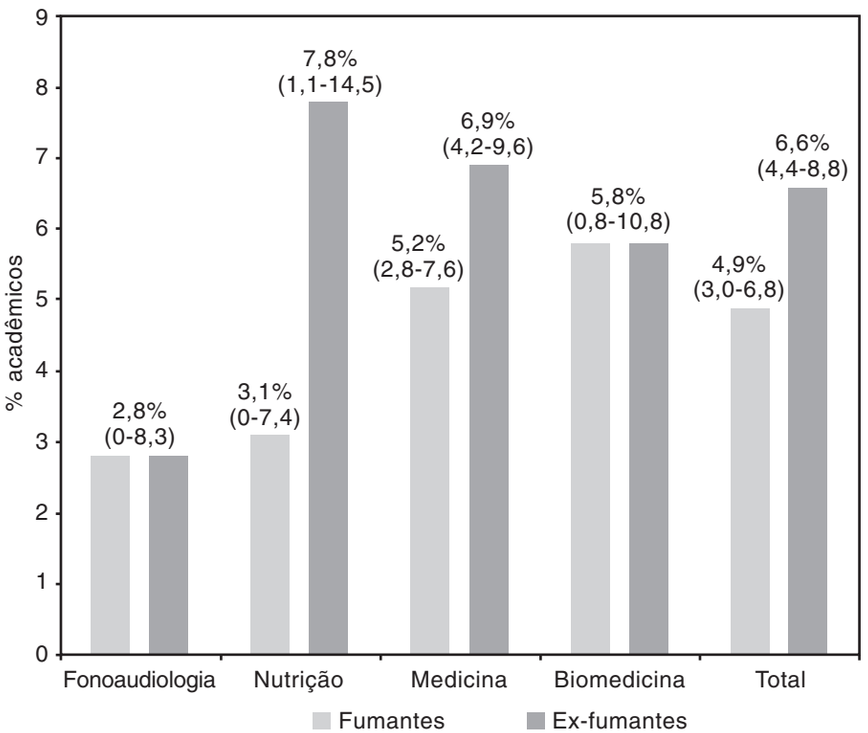


Figura 1 – Prevalência de fumantes e ex-fumantes por curso.

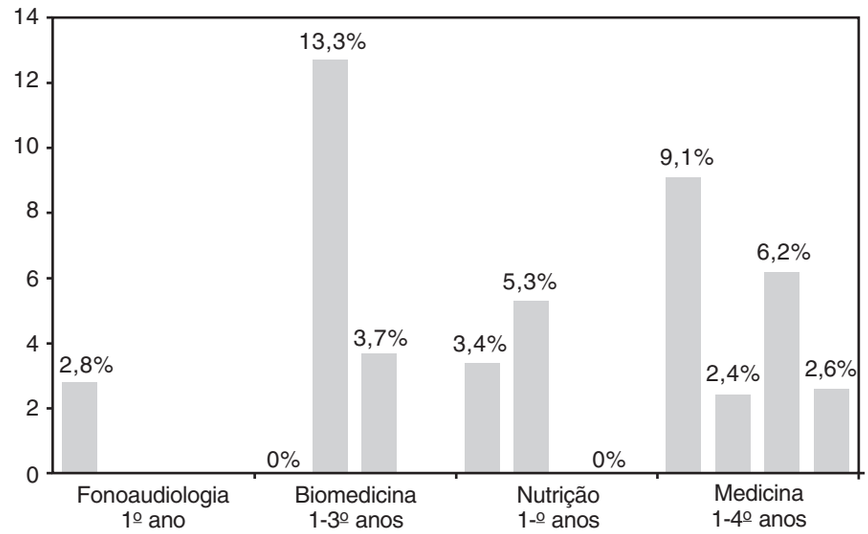


Figura 2 – Prevalência de fumantes entre os anos dos cursos.

ça significativa entre os cursos. Comparando-se a média de idade dos fumantes com os não-fumantes (21,9 *vs*. 21,4 anos), não se identificou diferença estatisticamente significativa (p=0,308).

Ex-tabagistas representaram 6,6% (IC95% 0-15,0) da amostra, não se verificando associação do curso com a prevalência (p=0,602), assim como, comparando a porcentagem entre os cursos, não se encontrou diferença estatisticamente significativa. Esses acadêmicos iniciaram a fumar aos 15,2 ± 1,9 anos, em média 7,8 cigarros/dia e abandonaram o hábito tabágico em

TABELA 2 – Características do hábito de fumar dos acadêmicos fumantes de acordo com a idade de início, tempo de fumo e número de cigarros

Variáveis	Frequência	%
Idade de início		
10-14 anos	8	30,8
15-19 anos	13	50,0
≥ 20 anos	5	19,2
Tempo de fumo*		
≤ 1 ano	4	16,0
2 a 5 anos	10	40,0
≥ 6 anos	11	44,0
Nº de cigarros/dia*		
Até 5 cigarros	19	76,0
6-10 cigarros	5	20,0
> 10 cigarros	1	4,0

*1 valor ignorado

média aos 20,2±3,6 anos, sendo que em 65,7% (IC95% 49,7-81,7) desses antes do início da faculdade. Nenhuma dessas características do perfil dos acadêmicos ex-fumantes mostrou diferença significativa entre os cursos.

Do total de ex-fumantes, 34,3% (IC95% 18,3-50,3) pararam de fumar durante o curso. Dos ex-tabagistas do curso de Medicina, 33,3% (IC95% 14,1-52,5) abandonaram o tabagismo ao longo da faculdade, sendo esse percentual de 40,0% (IC95% 3,8-83,8) nos cursos de Biomedicina e Nutrição, não havendo diferença estatisticamente significativa entre as diferentes faculdades.

Dos alunos que deixaram de fumar durante a faculdade, 50,0% (IC95% 21,1-78,9) assinalaram que o curso a qual pertenciam influenciou nessa decisão. Esse percentual foi de 37,5% (IC95% 3,3-71,7) na faculdade de Medicina, 50% (IC95% 0-100) no curso de Biomedicina e de 100% no de Nutrição, também não havendo diferença estatisticamente significativa. No curso de Fonoaudiologia não houve alunos que abandonassem o hábito tabágico durante o curso.

Comparando-se o grupo de fumantes com o de ex-fumantes, observa-se que os ex-tabagistas iniciaram a fumar mais precocemente (15,2 *vs*. 16,5 anos; p=0,04), assim como costumavam a fumar mais do que os ta-

13-323-tabagismo_entre_acadêmicos.pmd 36 14/4/2009, 13:10

bagistas atuais (3,77 *vs*. 7,85 cigarros/dia; p=0,006).

A Tabela 3 mostra a prevalência do tabagismo em relação às variáveis analisadas. A prevalência de acadêmicos fumantes foi estatisticamente superior na presença de um ou mais irmãos fumantes, não havendo essa diferença na presença do tabagismo materno ou paterno. Também não houve diferença na análise das variáveis sexo, escolaridade dos pais e renda familiar.

DISCUSSÃO

Sendo o tabagismo uma pandemia e, portanto, um problema de saúde pública, ele deve ser combatido energicamente (5). Os médicos, assim como os demais profissionais de saúde, têm papel muito importante nos programas antifumo, pelo frequente contato com os fumantes e reconhecida ascendência que podem ter sobre seus pacientes (7). Embora reconhecendo esse problema como uma doença, devemos considerá-lo como prejudicial ou mesmo inaceitável entre profissionais da saúde. Assim, a avaliação da prevalência de tabagismo entre estudantes desta área torna-se um tema sobretudo relevante. Neste estudo, observamos uma prevalência local de 4,9%, que pode ser considerada baixa, comparada a outros estudos.

Alguns aspectos metodológicos do estudo ora apresentado e particularidades da Universidade merecem ser discutidos. A amostra desta pesquisa não incluiu o quarto ano dos cursos de Biomedicina e Nutrição e os dois últimos anos do curso de Medicina, em razão de essas turmas terem atividades predominantemente baseadas em estágios práticos, em hospitais diversos, o que dificultaria sobremaneira a coleta dos dados. Assim, o período avaliado representa mais diretamente a situação dos alunos cursando a parte estrutural ou básica dos cursos, os quais estão recebendo informações teóricas sobre os conteúdos programáticos e com uma menor vivência prática sobre o exercício profissional. Em relação à Fonoaudiologia, considerando ter sido recentemente estruturada, no período da coleta havia apenas a primeira turma do curso. Obtivemos uma elevada taxa de resposta aos questionários em todos os cursos, o que torna insignificante a possibilidade de viés de seleção.

Na população estudada, observamos que a prevalência do tabagismo entre os acadêmicos foi menor do que a dos jovens brasileiros (2) (4,9% *vs.* 12,8%) e semelhante à dos médicos fumantes (5) (6,4%) e acadêmicos de Medicina de outras localidades, confirmando taxas de prevalência mais baixas do que observado no passado. Alguns estudos prévios identificaram uma redução no hábito de fumar entre universitários. Dentre os alunos da Medicina da UNIFESP, a prevalência de tabagismo era de 21,7% em 1982 e de 5,6% em 1996 (8). Menezes et al. (3, 4, 9), na Universidade Federal de Pelotas, encontrou uma prevalência em 1986 de 21,6% e em 2002 de 10,1%. Levantamento de prevalência de tabagismo entre os alunos de Medicina da Universidade de Brasília encontrou 14% de estudantes fumantes no ano de 1985 e 9,4% em 2003 (10). Boland et al. (11) também demonstraram uma decrescente prevalência na Irlanda, 28,8% em 1973, 15,3% em 1990 e 9,2% em 2002. Como não existem estudos sobre a tendência secular ao tabagismo em nosso país, não é possível afirmar se esse decréscimo é um efeito isolado entre os jovens que estudam Medicina ou o reflexo de uma situação que está ocorrendo em nosso meio (3).

Se compararmos os resultados desta pesquisa com os registros de estudos feitos em outros países, veremos que o tabagismo entre estudantes universitários da área da saúde parece ser menor no Brasil. O inquérito epidemiológico feito em 31 países, publicado por Warren et al. (12), mostraram uma prevalência superior a 20% quando avaliados em conjunto vários cursos da área da saúde. Considerando apenas os estudantes dos cursos de Medicina, alguns autores relataram prevalências ainda maiores. Vrazic et al. (13) encontraram 36,6% de tabagistas entre estudantes de Medicina da Croácia, Almerie et al. (14) relataram 34,4% na Sí-

TABELA 3 – Prevalência do tabagismo em relação às variáveis analisadas

Variável	n	% tabagismo entre acadêmicos	p
Sexo			
Masculino	201	6,5%	0,202
Feminino	329	3,6%	
Escolaridade paterna			
1º / 2º Grau	200	6,0	0,469
Ensino Superior	333	4,2	
Escolaridade materna	198	4,0	0,624
1º / 2º Grau			
Ensino Superior	334	5,4	
Tabagismo paterno			
Sim	79	6,3	0,569
Não	453	4,6	
Tabagismo materno			
Sim	76	7,9	0,243
Não	456	4,4	
Tabagismo fraterno			
Sim	59	18,6	<0,001
Não	403	3,2	
Renda familiar			
< 10 salários	178	3,9	0,315
10-20 salários	197	5,1	
> 20 salários	140	6,4	

13-323-tabagismo_entre_acadêmicos.pmd 37 14/4/2009, 13:10

ria, considerando qualquer forma de tabagismo, e Rosseli et al. (15) observaram 25,9% na Colômbia. Por outro lado, alguns estudos em outros países também observaram prevalências semelhantes à da presente pesquisa, como o relato de Tee et al. (16), que constataram uma prevalência de 4,4% na Malásia.

Poucos são os estudos que avaliam o tabagismo entre os cursos de Biomedicina, Fonoaudiologia e Nutrição, sendo as pesquisas geralmente focadas no curso de Medicina. Ribeiro et al. (8), avaliando a prevalência do tabagismo na UNIFESP, encontraram uma taxa de 13,3% entre os alunos da Fonoaudiologia e de 7,4% nos da Biomedicina. Andrade et al. (10), avaliando a prevalência do tabagismo na Universidade de Brasília, encontraram uma taxa de 8,6% entre acadêmicos do curso de Nutrição. Neste mesmo estudo, quando todas as áreas do conhecimento são avaliadas em conjunto, a prevalência do tabagismo foi de 14,7% entre os estudantes da Universidade de Brasília.

As prevalências de tabagismo encontradas na população de estudantes ora avaliada, em todos os cursos, foram um pouco inferiores ao registrado em outras Universidades, mas os estudos não tiveram metodologia idêntica e foram realizados em períodos diferentes.

Dentro do mesmo curso, não parece haver no momento qualquer demonstração de que a prevalência decresça em seu decorrer, dentro da lógica de o curso poder atuar como fator motivador ao discutir os problemas relacionados com a doença Tabagismo. Ao observarmos a figura que mostra a evolução da prevalência do tabagismo dentro dos cursos, verificamos ser possível que as séries finais tendam a ter um percentual menor de tabagistas. O ideal, entretanto, para confirmarmos essa tendência, seria fazer um estudo de coorte com esses acadêmicos, o que está planejado dentro da estratégia da pesquisa. Essa tendência é diferente da verificada por outros autores, os quais observaram uma maior prevalência de tabagismo conforme o ano cursado, parecendo revelar a pouca influência da faculdade no comportamento dos alunos quanto ao vício de fumar (4). Harrabi et al. (17) observaram que na Tunísia a prevalência foi de 4,5% no primeiro ano do curso de Medicina e 16,7% no ano final.

Constatamos que acadêmicos fumantes foram mais numerosos na presença de um ou mais irmãos fumantes, o que está de acordo com observações anteriores sobre características do tabagismo em jovens. Malcon et al. (18) já haviam mostrado a maior prevalência do tabagismo na presença de irmãos fumantes. Na análise de 1.187 adolescentes de 10 a 19 anos, ter irmãos mais velhos fumantes obteve um *odds ratio* de 28,7 (IC95% 11,5-71,4) em análise multivariada.

Assim, este estudo registra uma prevalência de tabagismo inferior a 5% entre estudantes universitários da área da saúde em Porto Alegre, o que foi inferior ao descrito em outras localidades, e não pareceu haver no momento qualquer demonstração de que a prevalência decresça no decorrer dos cursos. Avaliações regionais da prevalência do tabagismo em populações especiais, como feito neste estudo, parecem ser relevantes considerando a variabilidade existente do hábito de fumar. Isso parece ser sobretudo importante quando avaliamos uma população de estudantes da área da saúde, que representam os profissionais envolvidos no tratamento desta epidemia no futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Sociedade Brasileira de Pneumologia e Tisiologia. Diretrizes para Cessação do Tabagismo. J Bras Pneumol. 2004; 30(Supl 2): S2-S76.
2. Instituto Nacional do Câncer, Secretaria de Vigilância em Saúde, Ministério da Saúde. Inquérito Domiciliar sobre Comportamentos de Risco e Morbidade Referida de Doenças e Agravos não Transmissíveis. Disponível em: http://www.inca.gov.br/inquerito
3. Menezes AMB, Horta BL, Rosa S, Oliveira FK, Bonnan M. Hábito de fumar entre estudantes de Medicina da Universidade Federal de Pelotas, Brasil: comparação entre as prevalências de 1986 e 1991. Cad Saude Publica. 1994; 10:164-70.
4. Menezes AMB, Hallal PC, Silva F, Souza M, Paiva L, D'Ávila A et al. Tabagismo em estudantes de Medicina: tendências temporais e fatores associados. J Bras Pneumol. 2004; 30(3):223-8.
5. Mirra AP, Rosemberg J. Inquérito sobre prevalência do tabagismo na classe médica brasileira. Rev Assoc Med Bras. 1997; 43:209-16.
6. World Health Organization. Definitions of smoking. Global link. Gineva; 2003. In: Menezes AMB, Hallal PC, Silva F, Souza M, Paiva L, D'Ávila A et al. Tabagismo em estudantes de Medicina: tendências temporais e fatores associados. J Bras Pneumol. 2004; 30(3):223-8.
7. Martin EC, Neto AC, Chatkin JM. O tabagismo e a formação médica. Rev Bras Educ Med. 2003; 27(3):177-83.
8. Ribeiro SA, Jardim JRB, Laranjeira RR, Alves AKS, Kesselring F, Fleissig L et al. Prevalência de tabagismo na Universidade Federal de São Paulo, 1996 – dados preliminares de um programa institucional. Rev Assoc Med Brasil. 1999; 45(1):39-44.
9. Menezes A, Palma E, Holthausen R, Oliveira R, Oliveira PS, Devens E et al. Evolução temporal do tabagismo em estudantes de medicina, 1986, 1991, 1996. Rev Saude Publica. 2001; 35(2):165-9.
10. Andrade APA, Bernardo ACC, Viegas CAA, Ferreira DBL, Gomes TC, Sales MR. Prevalência e características do tabagismo em jovens da Universidade de Brasília. J Bras Pneumol. 2006; 32(1):23-8.
11. Boland M, Fitzpatrick P, Scallan E, Daly L, Herity B, Horgan J et al. Trends in medical student use of tobacco, alcohol and drugs in an Irish university, 1973-2002. Drug Alcohol Depend. 2006; 85(2):123-8.
12. Warren CW, Jones NR, Chauvin J, Peruga A. Tobacco use and cessation counselling: cross-country. Data from the Global Health Professions Student Survey (GHPSS), 2005-7. Tob Control. 2008; 17(4):238-47.
13. Vrazic H, Ljubicic D, Schneider NK. Tobacco use and cessation among medical students in Croatia – results of the Global Health Professionals Pilot Survey (GHPS) in Croatia. Int J Public Health. 2008; 53(2):111-7.
14. Almerie MQ, Matar HE, Salam M, Morad A, Abdulaal M, Koudsi A et al. Cigarettes and waterpipe smoking among medical students in Syria: a cross-sectional study. Int J Tuberc Lung Dis. 2008; 12(9):1085-91.

13-323-tabagismo_entre_acadêmicos.pmd 38 14/4/2009, 13:10

15. Rosselli D, Rey O, Calderon C, Rodriguez MN. Smoking in Colombian medical schools: the hidden curriculum. Prev Med. 2001; 33(3):170-4.
16. Tee GH, Noran NH, Farizah H, Azhana NH. Changing habits and attitudes towards smoking among future physicians. Med J Malaysia. 2007; 62(5): 383-7.
17. Harrabi I, Ghannem H, Kacem M, Gaha R, Ben Abdelaziz A, Tessier JF. Medical students and tobacco in 2004: a survey in Sousse, Tunisia. Int J Tuberc Lung Dis. 2006; 10(3):328-32.
18. Malcon MC, Menezes AMB, Chatkin M. Prevalência e fatores de risco para tabagismo em adolescentes. Rev Saúde Pública. 2003; 37(1):1-7.

13-323-tabagismo_entre_acadêmicos.pmd 39 14/4/2009, 13:10